

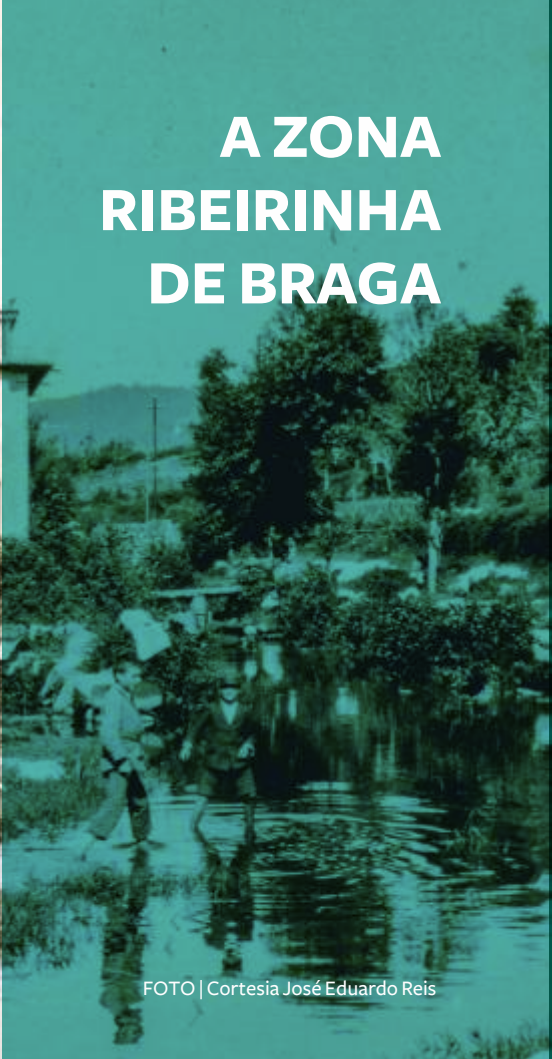
**A ZONA RIBEIRINHA
DE BRAGA**



BRAGA
Cidade autêntica

**À DESCOBERTA
DE BRAGA**

A ZONA RIBEIRINHA DE BRAGA



Costuma dizer-se que as maiores comunidades humanas se fundam junto de grandes cursos de água. Esta natural generalização lógica, apoiada nas condições geográficas das grandes capitais europeias, não se aplica universalmente. Braga é um caso paradigmático, mas não único, de uma cidade de considerável dimensão no panorama português que surgiu sem o auxílio de um grande rio. O vale fértil onde os romanos fundaram Bracara Augusta é apenas banhado por um curso de água de reduzido caudal, cuja nascente se localiza escassas léguas a levante. O rio Este apenas no último quarto de século foi plenamente integrado na área urbana de Braga, porém a ocupação humana nas suas margens é quase tão antiga como a própria cidade. É verdade que quer o centro da urbe romana, quer o centro da cidadela medieval, se localizavam a cerca de um quilómetro do rio Este, todavia nunca deixou de ter importância no quotidiano dos bracarenses. Apesar de ser um rio de pequenas dimensões, sabemos que possuía uma significativa variedade de peixes nas suas águas. A partir do testemunho do primeiro pároco de São José de São Lázaro, o reverendo João do Couto Ribeiro, assinado a 26 de Maio de 1758, tomamos conhecimento que o rio Este detinha no seu caudal “panchorcas, escalos, bastantes barbos e algumas trutas e enguias”. Segundo o mesmo testemunho, recolhido das inquirições pedidas aos párocos de todo o Reino, o rio Este “em muitos verões seca de todo”. No mesmo documento se faz particular referência aos lugares da freguesia, nomeadamente “Gordeita, Escoura, Deveza, Gallos, Latas, Ribeira, Sardoal, Lages, Santo Adrião, Quingosta da Palha, Nossa Senhora a Branca, Portas e Fujacal”. O mapa de Braunio, que retrata Braga em 1594, mostra-nos já as suas margens continuamente urbanizadas, o que significa que os bracarenses cedo se abeiraram do rio Este. É precisamente nesta área, a que chamamos zona ribeirinha, que vão surgir interessantes motivos de abordagem.

PELAMES

Um dos lugares da zona ribeirinha de Braga denomina-se de Pelames. Prolongando-se desde o campo de Santiago até uma das mais antigas travessias sobre o rio Este, a rua dos Pelames adotou esta designação devido à atividade do tratamento dos couros, que decorria em tanques localizados perto do rio Este. Os pelames eram os oficiais a quem competia tratar os couros que depois eram utilizados pelos sapateiros da cidade. Na planta topográfica de Braga de Goullard, datada de 1883, é possível perceber estes tanques que serviam para lavar e curtir as peles. Tratava-se da zona de couros de Braga, da qual há referências desde o século XV (Maria do Carmo Ribeiro, 2012). Documentalmente o topónimo Pelames recua, pelo menos, ao século XVIII, mas é provável que seja anterior. No Mapa de Braga Primaz (1756) já aparece mencionado. A antiga rua dos Pelames, hoje composta pela rua de S. Geraldo e rua Monsenhor Airosa, fazia a ligação entre a porta de Santiago e a ponte sobre o rio Este. Esta artéria, densamente povoada desde pelo menos o século XVI, resulta de um antigo caminho medieval que conduzia até ao Porto.



CAPELA DE SANTA JUSTA

Imediatamente antes da ponte, e atestando a existência de uma densidade populacional ancestral, existe uma ermida dedicada a Santa Justa. A sua fundação remonta a 6 de Dezembro de 1617, momento em que Gracia Martins, viúva de Rodrigo Enes, o Perú, concede benesses à “ermida nova de Santa Justa que pela sua devoção mandara fazer”. Apesar desta garantia documental apenas em 1618 é gravada uma inscrição sobre o portal da capela justificando a sua construção. Em meados do século XVIII, no “Dicionário Geográfico” se diz que a capela pertencia ao morgado de Torneiros, José Monteiro de Sousa, sendo descrita como tendo dois altares, “o maior com uma imagem de Santa Justa e um colateral, da parte da Epístola, de Nossa Senhora da Conceição”. A Capela de Santa Justa encontra-se no gaveto da antiga rua dos Pelames com a Rua Conselheiro Lobato, cujo traçado apenas ficou definido na segunda metade do século XX. Esta artéria, mandada abrir nos finais do século XIX e que leva o nome de um antigo edil, sublinhou o traçado da antiga rua Pai Manta, como era popularmente conhecida.

CAPELA DE SÃO JOÃO DA PONTE

Edificada entre 1615 e 1616, sob o patrocínio da família Sottomayor, surge no preciso local onde decorria o epicentro das celebrações em honra de São João Baptista na cidade de Braga ao longo dos séculos XVI e XVII. A corrida do porco preto, citada pelo menos desde o século XVI, atraía então as atenções populares e concentrava toda a dinâmica dos festejos. A proibição da incorporação da Bandeira da Cidade, com a representação de Nossa Senhora, na Corrida do Porco Preto, ocorrida em 1614, acabaria por ser o mais que provável fundamento para a construção da capela. Dizem as atas municipais que em substituição da Bandeira se deveria celebrar uma eucaristia antecedendo a corrida, talvez para acalmar os acicatados ânimos que precediam a competição. No ano seguinte já se falava da ermida “que se fazia à Coutada dos Arcebispos”. Apesar do desaparecimento da célebre Corrida do Porco Preto, a Capela continuou a ser um dos epicentros das seculares celebrações bracarenses a São João Baptista, realizando-se no seu entorno uma “grande feira anual” a 23 e 24 de Junho. Espaço de memória e de memórias, muitas delas associadas inevitavelmente aos festejos sanjoaninos, a valia desta capela não se mede pela sua qualidade artística, mas pela importância comunitária de que se reveste para os bracarenses. A capela tem uma arquitetura singela, com dois campanários e um alpendre, tendo sido reformada provavelmente nos finais do século XVIII ou início do seguinte. Localizada junto a uma das principais saídas da cidade, a estrada para Guimarães, a capela adquiriu o nome em referência à ponte que servia de passagem sobre o rio Este. Devotada “ao Bautista” - como no-lo comprovam crónicas setecentistas - detinha outras destacadas devoções como é o caso de Nossa Senhora do Parto ou de S. Cristóvão. Mais tarde acabariam por incorporar-se as devoções a Santa Felicidade e ao Senhor da Saúde, outrora nas Carvalheiras. Enriquecida em 1919 com alguns elementos do demolido Convento dos Remédios, a Capela de São João da Ponte viu surgir no seu entorno o primeiro parque urbano de Braga.



LATINHAS

Um dos tradicionais lugares da zona ribeirinha de Braga é as Latinhas, hoje Largo do Senhor dos Aflitos, designação derivada de um pequeno oratório ali colocado no final do século XIX. O topónimo “Latinhas”, que subsistiu até ao século XX como designação oficial, já era comum no século XVIII. Nas Memórias Paroquiais de 1758 vemos já mencionada a existência da aldeia das Latas, que pensamos corresponder ao atual largo do Senhor dos Aflitos (ex-Latinhas). Entretanto, uma outra designação aparece associada a este lugar. Anualmente realizava-se, integrado nas Festas de São João, o concurso dos bois gordos cuja implantação era precisamente no largo das Latinhas, junto ao “lugar dos Curadouros”. Esta designação pretendia aludir a um terreno de forte declive, localizado entre o largo das Latinhas e o rio Este, onde a população colocava a roupa a “corar” após ter sido lavada no rio. Este termo “corar” (ou quarar) é ainda hoje muito utilizado pelos bracarenses de gerações mais adiantadas e pretende aludir à primeira fase de secagem das roupas. Entretanto, a construção do edifício da Ford nos finais da década de 1940 fez desaparecer este espaço e o topónimo que lhe estava associado. Tal como é possível observar nas gravuras mais antigas em que se vislumbra a zona ribeirinha de Braga, as Latinhas correspondiam a uma fila de habitações, a maioria com apenas um piso, com as fachadas voltadas a sul. Faziam a ligação entre a rua da Ponte e o lugar dos Galos, localizado a montante do rio. Junto ao lugar das Latinhas surgiu, em 1876, o chamado Bairro Democrático, um conjunto de habitações para operários. Este bairro foi depois batizado de Araújo Carandá, bracarense regressado do Brasil que comprou este loteamento, tendo ficado para a história por ser avô de Francisco Araújo Malheiro, presidente da Câmara de Braga por duas vezes (1938-45; 1961-64).





AS PONTES DE SÃO JOÃO

Quando falamos de São João da Ponte imediatamente associamos o topónimo à existência de uma única travessia sobre o rio Este, todavia a história informa-nos que, ao longo de quase dois séculos, foram duas as pontes a permitir o trânsito entre a antiga rua da Ponte e o sopé do monte Picoto. Recuemos ao ano de 1779, mais propriamente ao dia 30 de Junho. As enormes cheias do rio Este, provocadas por uma inesperada tempestade estival, destruíram parcialmente a ancestral Ponte de Guimarães, além de um rasto de 23 vítimas mortais e demais estragos materiais. Nesta sequência, a 17 de Julho seguinte, o Senado da Câmara publicou os editais “para a reconstrução das pontes destruídas pela enchente do Rio Este”, entre as quais se encontrava a ponte de Guimarães. Contudo, entendeu a edilidade que a fragilidade desta passagem não se adequava à importância da estrada que ligava à urbe vimaranense, pelo que mandou elaborar o projeto de uma nova ponte. No Diário de Receita e Despesa do Senado da Câmara de Braga referente ao ano de 1779, conseguimos aferir a respeito do autor do projeto: “o Arquiteto (Carlos) Ferreira Amarante”, que além desta foi ainda autor do risco da reedificada ponte dos Pelames. A partir de 1779, passaram a conviver duas pontes, separadas por escassos metros, no recinto de São João da Ponte. A mais antiga passou a dar acesso direto ao caminho da Capela de São João da Ponte. A nova travessia, mais elevada, passou a conduzir a estrada para Guimarães. Ainda hoje é possível perceber os dois percursos paralelos, partindo do conjunto de habitações existentes no lado poente do largo 1.º de Dezembro. A pequena rua, hoje sem saída, que lhes dá acesso, correspondia ao percurso para a antiga Ponte de Guimarães, hoje desaparecida. No ano de 1950, pretendendo a autarquia terminar o alargamento da atual Avenida da Liberdade, a nova ponte teve que ser substancialmente alargada. Mantiveram-se as faces desenhadas por Carlos Amarante e, dada a necessidade de incrementar significativamente a largura da ponte, desmantelou-se a velha travessia.



OS GALOS

De cariz eminentemente rural, os Galos são uma zona ribeirinha localizada na margem direita do rio Este, constituída por ruelas estreitas, quintais pintalgados de arbustos e casas de pedra, grande parte delas construídas sobre o caudal do rio. Situa-se no espaço que medeia a Avenida da Liberdade e a Avenida 31 de Janeiro, podendo perceber-se todo o seu traçado ao longo da rua dos Barbosas. Não se conhece a sua origem mas, provavelmente, está relacionada com a existência de moinhos nesta zona, com registos já desde o século XIII. As atividades económicas aqui desenvolvidas foram presumivelmente o motor que justificou a fixação das populações. Os moleiros e as lavadeiras, cujas atividades estavam intimamente ligadas ao rio, foram durante longos anos a comunidade residente neste bairro. Na já citada descrição de 1758 se confirma precisamente a existência de “bastantes moinhos” neste lugar, falando-se ainda de um “engenho de papel” que há poucos anos se havia desfeito. Esta última informação foi confirmada recentemente, remontando a fundação desta fábrica de papel ao ano de 1707 (Aurélio Oliveira, 2007). Os Galos, porém, tornaram-se lugar notado na cidade também pelas suas águas. Foi, aliás, no ano de 1639 levantada uma fonte que constitui hoje o ex-libris desta zona. No espaldar dessa fonte seiscentista podemos observar dois galos em baixo relevo, confirmando o topónimo do lugar. As propriedades termais desta nascente, atestadas na primeira metade do século XIX, levaram à projeção de um edifício termal



RUA DOS BARBOSAS

Paralela aos Galos surge a rua dos Barbosas, de traçado mais recente. Trata-se de uma artéria que sublinha um antigo percurso rural que ligava o recinto de São João da Ponte ao lugar dos Atlantes, (hoje Soutinha). A sua primeira designação foi de caminho dos moinhos do Barbosa, conforme vem referido em 1857. Deve o seu nome à família de Manoel Ferreira Barbosa, brasileiro torna-viagem que, regressado a Braga na segunda metade do século XIX, mandou construir a sua habitação nas margens do rio Este. O primeiro troço da rua foi aberto no período 1888/90, todavia, apenas no período 1923/26 se pensou em concluir definitivamente este projeto, tendo-se organizado o orçamento e estudado a obra de ligação entre a Ponte e Avenida 31 de Janeiro.

FONTE DOS NAMORADOS

A Fonte dos Namorados encontra-se voltada à antiga estrada para Guimarães, junto à entrada da Quinta de Santo Adrião. Este fontanário ostenta a cruz arcebispa, remontando ao ano de 1636. A estrutura é muito semelhante à de outras fontes da mesma época, com tanque, espaldar, friso e carranca. O seu surgimento, por iniciativa municipal, estará vinculado à necessidade de abastecer de água este então arrabalde da cidade, em virtude de um incremento populacional.



A CAPELA DE SANTO ADRIÃO DA CORRICA

A ermida dedicada a Santo Adrião foi erigida no ano de 1576 como nos informa a inscrição que se pode observar na porta principal: ANTÓNIO SOBRINHO TEIXEIRA A MANDOU CONSTRUIR ANO DE 1576. A sua construção neste local dever-se-á provavelmente ao facto da principal via de acesso à cidade dos arcebispos até ao século XIX, a antiga estrada de Guimarães (pela Falperra), passar por aqui. Através da descrição inserida no “Dicionário Geográfico” datado de 1747-51, sabemos que a capela de Santo Adrião detinha um altar-mor no qual era venerada a imagem de Santo Adrião e a de sua mulher Santa Natália «com sua Confraria», e dois altares colaterais, um com as imagens do Menino Jesus, S. José e Nossa Senhora e o outro com as imagens de S. Vicente Ferrer e de S. Francisco Xavier. Na mesma descrição temos conhecimento que estes dois altares laterais foram mandados fazer por doação testamentária do desembargador da Casa da Suplicação António Carneiro Tinoco, pai da então proprietária da quinta de Santo Adrião, «Dona Francisca». A capela de Santo Adrião e o seu recinto envolvente acolhiam, até ao século XIX, duas romarias anuais, uma devotada a S. Brás (3 de fevereiro) e outra dedicada ao patrono da capela (segunda-feira de Páscoa). Em 1983 foi elevada a sede de paróquia.

MONTE DE SÃO JOÃO OUPICOTO

O monte Picoto é o miradouro por excelência da cidade de Braga. Elevação com 298 metros de altitude, situa-se, quase na totalidade, na freguesia de S. José de S. Lázaro, confinando já, em certas áreas, com a freguesia de Nogueira. Também conhecido como monte de S. João da Ponte, o Picoto está devidamente enquadrado com a principal avenida da cidade, detendo, por isso, um protagonismo inegável na paisagem urbana. A cruz é o elemento físico mais marcante do monte Picoto. Colocada, em 1940, exatamente no seu cume, esta cruz corresponde a uma iniciativa de «humildes paroquianos da freguesia de S. Lázaro», liderados por Alberto Cruz, afamado deputado bracarense, que pretendia associar-se às comemorações centenárias que se assinalaram em todo o país. Estas comemorações visavam celebrar os 800 anos da fundação da nacionalidade em 1140 e a restauração de 1640. Inicialmente a ideia, lançada na imprensa da época, era erigir uma cruz com 6 metros de altura, porém, poucos dias após se redefiniu o objetivo para 10 metros de altura. O objetivo era que a cruz ficasse «bem no cimo do monte de S. João a atestar o entusiasmo e a crença inabalável do nosso povo nos destinos de Portugal» (“Diário do Minho”, 17/05/1940). A 16 de junho de 1940, «um dia de calor sufocante», uma multidão de peregrinos partiu desde a igreja de S. Lázaro, liderados pelo seu pároco, em direção ao Picoto. Subindo ao cume do monte pelo lado do Pinheiro da Gregória, a peregrinação culminou junto à cruz, onde se procedeu à bênção e foi celebrada missa campal. A cruz, substituída depois por um exemplar mais resistente, ainda hoje lá se encontra, sendo testemunho do esforço dos “fregueses” de S. Lázaro. Em 1961 surgiu a ideia de construir uma capela em honra de S. Cristóvão na meia encosta do Picoto, que chegou a ser projetada, mas nunca foi avante. Este santo continua a ser alvo de grande devoção na capela de S. João da Ponte.

[Textos: Rui Ferreira | Fotos: José Alberto Fernandes]





Os tanques dos Pelames representados na Planta Topográfica da Cidade de Braga de Francisque Goullard (1883/1884)



BRAGA
Cidade autêntica

www.cm-braga.pt